

CASTIGO COMO MÉTODO DE APRENDIZAGEM UMA HERANÇA COLONIAL QUE CONTINUA A OPRIMIR O APRENDIZADO DO ALUNO.

Eduardo Candeia Tchivunda¹
Ricardo Ossagô De Carvalho²

RESUMO

A escola angolana carrega, até hoje, marcas de um modelo disciplinar herdado do período colonial, em que o castigo físico, a humilhação e a ameaça funcionam como instrumentos de controle do aprendizado. Essa lógica punitiva, longe de ser um traço isolado, está enraizada em relações de autoridade que atravessam gerações, reproduzindo formas de controle herdadas da dominação colonial portuguesa. Objetivo: Analisar criticamente os impactos psicológicos e pedagógicos de metodologias de ensino baseadas em castigo físico, humilhação e ameaça enquanto instrumentos de controle do aprendizado em Angola, contrapondo essas práticas a abordagens pedagógicas mais humanizadas, críticas e dialógicas. Metodologia: Trata-se de um ensaio teórico-reflexivo, de abordagem qualitativa e base bibliográfica, apoiado em referenciais da crítica decolonial e da pedagogia crítica africana, recorrendo a uma narrativa ficcional, construída a partir de situações recorrentes em escolas angolanas, e à análise de uma produção audiovisual popular, tratada como documento cultural representativo da realidade educacional do país. Resultados: A punição não ensina, ela afasta. Os dados reunidos apontam que essa prática está ligada ao abandono escolar, ao sofrimento psíquico dos estudantes e à inibição da participação em sala de aula, comprometendo a disposição do aluno para o risco intelectual e a construção autônoma do conhecimento. A violência escolar pesa mais sobre estudantes cujas referências linguísticas e culturais destoam do modelo valorizado pela escola, aprofundando desigualdades ligadas à língua, à cultura e à origem social. Observa-se um ciclo de reprodução geracional, em que professores formados sob métodos autoritários tendem a repetir, junto aos próprios alunos, a mesma lógica punitiva que vivenciaram em sua formação. Conclusões: A violência pedagógica em Angola não nasce de decisões isoladas de professores, mas de estruturas históricas, institucionais e políticas moldadas pela colonização, que naturalizaram a dor como instrumento educativo. Romper com essa herança depende de ações conjuntas do Estado, das escolas e das famílias, incluindo formação continuada de professores, mecanismos de fiscalização e denúncia, e revisão curricular que não repita modelos eurocêntricos, sendo possível pensar a autoridade docente reconfigurada em bases éticas e dialógicas, sem recurso à força. Agradecemos ao Instituto de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) pelo apoio institucional e pelas condições oferecidas para a realização desta pesquisa. Apoio Financeiro: Funcap. Grande área do CNPq: Ciências Humanas. Em que medida o meu trabalho contribui para "Diversidade, Inclusão e Transformação Social"? Contribui ao dar visibilidade a uma forma de violência escolar que, embora comum em Angola, raramente é discutida como herança colonial e não como falha individual de professores. Ao mostrar que a punição pedagógica pesa de forma desigual conforme língua, cultura e origem social, o texto reforça a importância de respeitar essas diferenças como ponto de partida para superar um modelo de ensino excludente e construir uma escola verdadeiramente inclusiva. Este resumo passou por revisão linguística com apoio da ferramenta LanguageTool, assistente de escrita multilíngue com análise contextual capaz de distinguir termos semelhantes como "mais" e "mas". Nenhum trecho do texto foi gerado por inteligência artificial: o uso limitou-se à revisão linguística do conteúdo redigido pelo autor, conforme as diretrizes do CNPq.

Palavras-chave: Angola; violência pedagógica;; colonialismo; educação angolana; pedagogia crítica Escola.

Universidade de Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, IH Instituto de Humanidades, Discente, eduardocandeiaacandeia@gmail.com¹

Universidade de Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, IH Instituto de Humanidades, Docente, ciencia politicahoje@unilab.edu.br²